

“CHAVES É MELHOR DO QUE FRIENDS”: PERFORMATIVIDADES DISCURSIVAS EM PAISAGENS SEMIÓTICAS

Cristina Lúcia de OLIVEIRA

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo apresenta um estudo sobre paisagens semióticas a partir do estudo de uma pichação localizada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e de uma conversa em grupo de *WhatsApp* de estudantes da própria instituição. Desenvolve uma reflexão acerca dos efeitos sociais de sobreposição cultural e de rupturas com o discurso colonialista e imperialista que tende a privilegiar tudo aquilo que vem dos Estados Unidos, em detrimento do que vem do sul global (ainda que este “sul”, por armadilha da geografia, esteja no hemisfério norte). Além disso, discute a validade da afirmativa do texto pichado, sobretudo, a sua natureza ilegal e subversiva. Endossado no princípio de processos escalares (Carr; Lempert, 2016) como formas de contextualização que forjam os contextos, e da indexicalidade de Silverstein (1996, 2009), o artigo observa estratégias concretas para desfazer e desnaturalizar a ordem indexical política e culturalmente normalizada como um exemplo de prática de esperança (Bloch, 1996). As estratégias implicam em examinar, nos detalhes semióticos das interações, a formação histórica do discurso metapragmático que organiza uma ordem indexical e em historicizar aquilo que pretende ser a significação fundacional. Dessa forma, partindo da perspectiva de que a memória não consiste em mero reflexo de experiências passadas, nestas reflexões, é concebida como uma prática performativa produtora de narrativas e que influenciam ações.

Palavras-Chave: Paisagens semióticas; Indexicalidade; Ideologia linguística; Pichação.

“EL CHAVO IS BETTER THAN FRIENDS”: DISCURSIVE PERFORMATIVITIES IN SEMIOTIC LANDSCAPES

Abstract

This article presents a study of semiotic landscapes based on a graffiti located at the Federal Rural University of Rio de Janeiro and a WhatsApp group conversation between students from the institution itself. It reflects on the social effects of cultural overlap and ruptures with the colonialist and imperialist discourse that tends to privilege everything

that comes from the United States, to the detriment of what comes from the global south (even though this “south”, by geography's trap, is in the northern hemisphere). It also discusses the validity of the claim made in the graffiti, especially its illegal and subversive nature. Endorsed on the principle of scalar processes (Carr; Lempert, 2016) as forms of contextualization that forge contexts, and Silverstein's indexicality (1996, 2009), the article looks at concrete strategies to undo and denaturalize the politically and culturally normalized indexical order as an example of a practice of hope (Bloch, 1996). The strategies involve examining, in the semiotic details of the interactions, the historical formation of the metapragmatic discourse that organizes an indexical order and historicizing what pretends to be the foundational signification. Thus, from the perspective that memory is not a mere reflection of past experiences, in these reflections it is conceived as a performative practice that produces narratives and influences actions.

Keywords: *Semiotic landscapes; Indexicality; Linguistic ideology; Graffiti.*

“EL CHAVO ES MEJOR QUE FRIENDS”: PERFORMATIVIDADES DISCURSIVAS EN PAISAJES SEMIÓTICOS

Resumen

Este artículo presenta un estudio de paisajes semióticos a partir de un graffiti localizado en la Universidad Federal Rural de Río de Janeiro y de una conversación de grupo de WhatsApp entre estudiantes de la propia institución. Reflexiona sobre los efectos sociales de la superposición cultural y las rupturas con el discurso colonialista e imperialista que tiende a privilegiar todo lo que viene de los Estados Unidos, en detrimento de lo que viene del sur global (aunque este “sur”, por trampa de la geografía, esté en el hemisferio norte). También discute la validez de la afirmación del texto del graffiti, especialmente su carácter ilegal y subversivo. Apoyándose en el principio de los procesos escalares (Carr; Lempert, 2016) como formas de contextualización que forjan contextos, y en la indexicalidad de Silverstein (1996, 2009), el artículo examina estrategias concretas para deshacer y desnaturalizar el orden indexical política y culturalmente normalizado como ejemplo de una práctica de la esperanza (Bloch, 1996). Las estrategias implican examinar, en los detalles semióticos de las interacciones, la formación histórica del discurso metapragmático que organiza un orden índice e historizar lo que pretende ser la significación fundacional. Así, desde la perspectiva de que la memoria no es un mero reflejo de experiencias pasadas, en estas reflexiones se concibe como una práctica performativa que produce narrativas e influye en las acciones.

Palabras-clave: *Paisajes semióticos; Indexicalidad; Ideología lingüística; Graffiti.*

1. INTRODUÇÃO

“Rural contra o *facismo* e o *golpismo*” (*sic*) lia-se no muro externo do complexo de salas que compunham o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. “É uma pena que a parede de nossa sala seja pichada. Mais ainda... com erro de português!”, lastimou uma aluna do programa – braços tatuados em cores vibrantes que tracejavam, entre outras imagens, um moinho de vento de Dom Quixote e a figura do *Pac-Man*; *piercings* e um olhar analítico por trás dos óculos de grau e da fumaça *tutti frutti* de um cigarro eletrônico.

A desaprovação imediata costumava ser a mais frequente reação quando o assunto era a pichação. Ainda que entre estudantes da linguagem. Ainda que entre estudantes da linguagem que propunham concebê-la para além de traços que representam coisas. Contudo, o espaço físico de uma universidade, desde o início de minha trajetória acadêmica, parecia ser um ambiente aberto a uma maior liberdade de expressão, debate e acolhimento de ideias. Caminhar pelo *campus* observando, lendo o que o lugar tinha a dizer era, antes, uma leitura de nós mesmos que compúnhamos o local com nossos próprios corpos e ideias, os quais sustentavam, lado a lado com lousas, concreto e jardins, cada uma daquelas turmas onde se buscava questionar e produzir inteligibilidades. Vista dessa forma, a linguagem no ambiente não é apenas um pano de fundo da vida, aleatória e arbitrária, o espaço é contextualizado em questões identitárias, relacionando-se diretamente com as pessoas que o produzem e escolhem de que maneira o fazer.

Nessa perspectiva, o campo da Paisagem Linguística (Blommaert, 2013; Shohamy & Gorter, 2009) foi responsável pelo desenvolvimento de estudos relevantes sobre a perspectiva do espaço numa compreensão de que a incessante mobilidade social altera constantemente as paisagens. Com base nisso, este artigo tem como objetivo geral analisar as práticas discursivas e semióticas presentes em uma pichação localizada no campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em Seropédica e sua recontextualização em uma conversa no *WhatsApp* entre estudantes

da instituição, buscando compreender como essas práticas constroem e contestam significados sociais, políticos e culturais.

A partir de uma abordagem qualitativa interpretativista, o estudo explora como a pichação, ao afirmar "Chaves é melhor do que Friends", desafia hierarquias culturais e reflete uma ruptura com o discurso colonialista e imperialista, privilegiando produções do Sul Global em detrimento da cultura hegemônica norte-americana. Dessa forma, explora como práticas discursivas e semióticas constroem significados sociais, políticos e culturais, baseando-se em teorias de indexicalidade (Silverstein, 1996, 2009) e processos escalares (Carr & Lempert, 2016).

Investigo como a memória e a esperança se manifestam nessas práticas, entendendo-as como formas de resistência e transformação social. Nessa investigação, estudo, a partir da dinâmica que se estabelece numa conversa entre um grupo de pós-graduandos, como espaços são produzidos em interações discursivas e como, concomitantemente, são produzidas identidades em diálogo com esses espaços na medida em que estabelecem relações de poder (Foucault [1971] 2014) que organizam, hierarquizam e sedimentam seus efeitos, ao passo que possibilitam o surgimento de intervenções na paisagem como registro de esperança (Bloch, 1996). Busco assim contribuir para os campos da sociolinguística e semiótica, destacando a importância das paisagens semióticas e das interações discursivas na construção de identidades e na promoção de práticas de esperança em contextos de desigualdade e exclusão.

A análise divide-se em três focos: o conteúdo da pichação, que compara as séries *Chaves* e *Friends*, revelando uma disputa cultural; os efeitos performativos, que desafiam hierarquias culturais e políticas; e as formas de memória e práticas de esperança que emergem dessas interações. A conversa no *WhatsApp* é analisada como uma recontextualização do texto original, evidenciando como os significados são reconstruídos e negociados.

Argumento aqui que a pichação não é apenas uma expressão de preferência cultural, mas é antes uma crítica à hegemonia cultural norte-americana e uma reivindicação de valorização das produções do Sul Global. Os dados que apresento neste estudo sinalizam fricções em processos de silenciamento e enregistramento que constituem as noções de ordem e poder, respondidos por meio de recursos semióticos de contestação às desigualdades, mostrando que as práticas discursivas

podem desafiar normas culturais e promover resistência, destacando a memória como prática performativa e a esperança como afeto mobilizador de transformação social.

2. ADENTRANDO O ESPAÇO

A imagem abaixo retrata a pichação referida anteriormente, fotografada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, *campus* Seropédica:



Figura 1 - Pichação na UFRRJ - PPG

Fonte: Imagem captada pela autora

Trata-se do prédio do programa de pós-graduação em Letras, situado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFRRJ. Algumas interferências linguísticas rotineiramente compõem o espaço público. Desde as inscrições a caneta nas carteiras escolares ao spray nos muros, a vontade de pronunciar-se num local pode ser entendida

como uma tentativa de se deixar numa paisagem, a ela pertencendo e com ela se compondo.

2.1. ESPAÇO EM CONTÍNUA (DES)CONSTRUÇÃO

Os discursos que compõem um local podem ser analisados à luz de diversos conceitos. Neste estudo, considerando o desenvolvimento de pesquisas entre espaço e linguagem, busco observá-las nos muros físicos e digitais em que se colocam a partir do conceito de Paisagem Linguística (PL). Essas mensagens são expressões complexas de identidade, resistência, ideologia e esperança que estão enraizadas no contexto linguístico e cultural da cidade em que ocorrem. Assim, é possível conceber a linguagem como um “ato de identidade” (Pennycook, 2006, p. 83).

Compreender os discursos que compõem a paisagem linguística envolve ressaltar que, concebidos como ação social (Blommaert, 2005), podem se tornar um local de diferenças sociais significativas, de conflito e luta, e como isso resultam em todos os tipos de efeitos socioestruturais, uma vez que temos que usar o discurso para tornar significativo cada aspecto do nosso ambiente social, cultural e político. O efeito mais profundo do poder é a desigualdade, e uma análise de tais efeitos é também uma análise das condições para o poder.

Entendendo, assim, a paisagem não como um contexto inerte de experiências, mas como construção histórica (Pennycook, 2009), articulada em práticas sociais cotidianas, envolvendo agregados semióticos de todo tipo que, quando mobilizados, produzem certos entendimentos sobre um lugar, articulo as temáticas de espaço e do discurso a partir de uma abordagem performativa (Austin, 1976; Butler, [1997] 2021), pós-estruturalista, que concebe o espaço como um efeito de performances, e não como um *a priori*.

A pichação, nesse sentido, corrobora a concepção da paisagem linguística como efeito de um conjunto de práticas discursivas, mobilizadas pela produção de signos no espaço, inserindo-o numa cadeia de repetições e citações. Ao mobilizarmos acontecimentos recentes como o golpe em 2016 da presidenta Dilma Rousseff e ascensão do discurso de extrema-direita no Brasil, é possível perceber como essa

inserção, na medida em que articula e evoca práticas espaciais conhecidas, produz o próprio espaço (Pennycook, 2009), que emerge como um efeito performativo.

Sendo assim, o texto observado extrapola um sentido denotacional e exclusivo da linguagem, sendo, antes, uma linguagem em ação (Blommaert, 2005) existindo em diversas formas de sinalização semiótica, e que pode, então, tornar-se um lugar de diferenças sociais, conflito e luta, como forma de semiose em um mundo que está em constante fluxo. Dessa forma, a abordagem do discurso que destaco aqui passa por sua compreensão como prática que sistematicamente produz os objetos das quais fala (Foucault, 2008), uma vez que contextos de produção de linguagem e discurso estão sempre em disputa e a cada interação surge a possibilidade de novos contextos, num movimento de interações contínuas e repetições inúmeras, permeadas por valoração, legitimação e ordenação do discurso (Foucault, [1971] 2014). Assim, alguns significados sedimentam-se, estratificam-se e se hierarquizam, produzindo efeitos específicos.

Para o estudo dessa sedimentação de significados, a análise da paisagem linguística passa inevitavelmente por perspectivas históricas e sociais, uma vez que o espaço físico é também um espaço social, cultural e político que se constitui em certos padrões de comportamento social. Compreendendo a contextualização dos signos em uso, seu apontar – ou indexar – para algum objeto no contexto em que ocorre, num processo infundável cuja origem não pode ser acessada, e seus efeitos são imprevisíveis (Silverstein, 2003; 2009; Blommaert, 2014), acontecendo por meio de “inferências ideológicas, em que uma forma particular ‘representa’ um significado social e cultural particular” (Blommaert, 2014, p. 69), podemos sugerir que a pichação apresentada aponta para significados que cooperam para a construção de um posicionamento coletivo, identidade desse lugar, que se opõe a regimes autoritários.

Assim, considerando que significados são mediados, faz-se necessário que se observe o entrelaçamento esses enunciados com categorias mais abrangentes, visto que muitos aspectos da vida social podem ser dimensionados, o que acontece através de processos escalares (Carr; Lempert, 2016; Gal; Irvine, 2019), ou seja, projeções pelas quais nos orientamos, interpretamos e nos posicionamos no mundo. Nós sempre estamos comparando e avaliando metapragmaticamente por meio da linguagem, possibilitando construções do significado em níveis escalares. Entretanto, tais escalas

não são dadas, e sim produzidas (Carr; Lempert, 2016, p. 3), apontando para questões ideológicas.

3. EXTRAPOLANDO O ESPAÇO

Numa tentativa de analisar a paisagem linguística desse espaço e de rastrear o movimento entre hierarquias e estratos do discurso e os modos como são articuladas no processo semiótico, apresento uma pichação, fotografada no ano de 2019 na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, especificamente na entrada do prédio do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS). Este local é ocupado por estudantes de graduação e pós-graduação dos cursos de História, Ciências Sociais, Filosofia e Letras. Quando iniciamos nossos estudos na universidade, a pichação já estava lá, e o seu tom irreverente era algumas vezes mencionado pela criatividade do inesperado. Era, sobretudo, parte da paisagem “normal” da UFRRJ.

Texto 1:



Figura 2: Pichação na UFRRJ - ICHS

Fonte: Imagem captada pela autora

O *campus* da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro é um espaço emblemático, tanto por sua história quanto por seu papel no cenário acadêmico e social do Brasil. Localizado no município de Seropédica, na região metropolitana do Rio de Janeiro, o *campus* é um dos principais polos de ensino, pesquisa e extensão da universidade, que é uma das mais antigas instituições de ensino superior do país, fundada em 1910. A UFRRJ é conhecida por seu forte vínculo com as ciências agrárias, mas também abriga cursos em áreas como humanidades, ciências sociais e letras, refletindo uma diversidade de saberes e práticas.

Inaugurado em 1974, o *campus* foi projetado para ser um espaço de excelência acadêmica e pesquisa, com infraestrutura voltada para o desenvolvimento rural e tecnológico. No entanto, ao longo dos anos, a universidade também se tornou um espaço de resistência política e debate social, especialmente durante períodos de tensão, como a Ditadura Militar (1964-1985) e, mais recentemente, durante os protestos contra cortes orçamentários na educação pública.

Seropédica é um município localizado na Baixada Fluminense, região conhecida por suas desigualdades sociais e desafios urbanos. O *campus* da UFRRJ, no entanto, contrasta com o entorno, sendo um espaço de conhecimento e inovação. A universidade atrai estudantes de diversas partes do Brasil, muitos deles de classes populares, o que contribui para um ambiente multicultural e politicamente engajado. O local é marcado por uma paisagem semiótica rica, com pichações, grafites e cartazes que refletem as lutas e identidades da comunidade acadêmica. E o Instituto de Ciências Humanas e Sociais, onde a pichação foi feita, é um dos centros de debates sobre questões sociais, políticas e culturais, refletindo o engajamento dos estudantes e professores com temas como desigualdade, colonialismo e justiça social.

Poucos meses após o término das aulas do nosso curso de Mestrado em Letras nesse local, em decorrência do final do curso, houve o afastamento físico dos alunos da turma, contudo continuávamos em contato através das redes sociais, principalmente em nosso grupo de mensagens instantâneas, o aplicativo *WhatsApp*, no qual conversávamos sobre assuntos diversos, sempre numa atmosfera de companheirismo que nos envolvia desde o início do curso. A turma de 28 estudantes era majoritariamente composta por mulheres, professoras de Língua Portuguesa, incluindo a faixa etária que

variava dos 25 aos 50 anos, e com moradores de diversas cidades principalmente do estado do Rio de Janeiro.

Em uma conversa saudosista, no ano de 2021, uma integrante do grupo enviou uma fotografia da pichação “Chaves é melhor do que Friends” com a seguinte legenda: “Concordam ou discordam?”

Abaixo recontextualizo a conversa que se desenvolveu a partir disso, dando nomes fictícios aos participantes. Neste momento, coloquei-me apenas como observadora:

Texto 2:

Ana: [Imagem da pichação “Chaves é melhor do que Friends”] Concordam ou discordam? : Nunca vi Friends (me julguem...), nunca gostei de Chaves (me julguem de novo kkkkk)

Maria: Friends é incomparável 😊

João: Amo os dois!

Sara: (em resposta à Ana) eu tbm 🤔 🤔 🤔

Carla: Eu também amo os dois! 😊

Cláudia: Achava melhor que não tivessem pixado. 😞 : (em resposta à Ana): eu também não vi Friends, mas minha infância foi recheada de Chaves kkkkk : E se eu vir hj, rio tbm

Laura (em resposta à Cláudia): Manifestação discursiva! : E será que está falando apenas sobre séries de TV? Me parece mais uma crítica cultural. Primorosa, por sinal!

Carla: (em resposta à Laura) Concordo! : E Chaves é melhor 😊 😊

Cláudia: (em resposta à Laura) Manifestação discursiva não precisa de depreciar o patrimônio público. Enfim, ensino ao meu filho a se manifestar sempre... existem muitas maneiras para isso! Mas respeito a sua opinião.

Carla: (em resposta à Cláudia) não concordo que seja depreciação. : Acho que foi uma manifestação artística, sou super a favor. Até porque o muro ficou um charme! : As vozes da rua não podem se calar : ainda mais nestes tempos.

A partir do entrelace dos dois textos, é possível suscitar algumas observações. As manifestações visuais em forma de pichação em muros, fachadas e monumentos alteram a paisagem à proporção que a integram. Tendo em vista a insistência de sua presença em ambientes públicos, é possível a constatação de uma necessidade de se comunicar, num movimento de entextualização, ainda que de maneira transgressora, uma vez que, no Brasil, a prática da pichação é considerada vandalismo e crime ambiental, nos termos do artigo 65 da Lei 9.605/98 (Lei dos Crimes Ambientais), que estipula pena de detenção de 03 meses a 01 ano, e multa, para quem pichar, grafitar ou por qualquer meio conspurcar edificação ou monumento urbano.

A pichação possui registros históricos (Ramos, 1994) e, com a popularização do aerossol, após a Segunda Guerra Mundial, ganha agilidade com a utilização do spray, amplamente utilizado na revolta estudantil de 1968 em Paris, dando início à pichação política, praticada também no Brasil no período da Ditadura Militar (Soares, 2018). Assim, por seu caráter rotulado como ilegal e subversiva, a pichação pode apresentar textos como uma das formas de dar vazão, muitas vezes, ao descontentamento e à falta de expectativas. Adoto aqui a definição de “texto” conforme apresentam Fabrício e Moita Lopes (2019), entendendo-os como conjunto de sinais que formam um objeto em movimento caracterizado por ser radicalmente dialógico. Uma ideia relacionada ao fato de que as amálgamas de signos envolvem o atrito de discursos emergentes no aqui e agora e discursos construídos na história (Fabrício; Moita Lopes, 2019, p. 40).

Observando a pichação apresentada, ressalto primeiramente que discursos não se constituem em um vácuo, aquilo o que se passa localmente neste espaço está imbricado em discursos de alcances sociais mais amplos. Cada ato de fala advém de e propulsiona sucessivas entextualizações. Tal processo se refere à condensação de uma corrente de discursos que são alavancados de um contexto interacional para outro em um processo contínuo de (re)contextualização e (re)significação em trajetórias translocais (Silverstein; Urban, 1996).

3.1. ANALISANDO ATRAVÉS DO ESPAÇO

Analiso o primeiro texto apresentado a partir de três focos: 1) foco no conteúdo, ressaltando a indexicalidade desses signos; 2) foco nas influências, delineando efeitos performativos decorrentes; 3) foco nas formas de memória, refletindo sobre as projeções escalares.

Dessa forma, atento-me ao conteúdo formado por uma comparação de superioridade entre duas séries televisivas: *Chaves*, produção mexicana criada, dirigida e estrelada por Roberto Gómez Bolaños no período de 1973 a 1980, tornou-se um fenômeno de alcance continental desde sua estreia, tendo sido distribuída para vários países, e encontra no Brasil seu maior público com exibição em TV aberta de 1984 a 2020; e *Friends*, uma sitcom norte-americana cujo enredo girava em torno de um grupo de amigos que vivia na cidade de Nova York. Criada por David Crane e Marta Kauffman, a série foi transmitida de 1994 a 2004 em dezenas de países, tendo sua estreia no Brasil em 1996, em canal de televisão por assinatura.

A escolha do suporte e formato de circulação do texto, a pichação, indexicaliza alguns sentidos: no espaço físico de uma universidade, a prática ilegal é realizada como resposta a uma oposição previamente presente no universo cultural dos estudantes (as duas renomadas séries televisivas). A afirmativa pichada, que coloca *Chaves* em situação de superioridade revela a disputa pelo dizível (Kiffer; Giorgi, 2019) naquele lugar. As noções tradicionais de texto, contexto e cultura, em seu paradigma referencial, são então problematizadas pela indexicalidade. Faz parte do processo de contextualização um duplo apontar que se dá sob o aspecto do referencial e um apontar para normas e convenções pressupostas, produzidas em contextos socioculturais mais amplos do que o aqui e agora dos falantes. Ou seja, é preciso que seja considerado o entrelaçamento interacional e um amplo repertório sócio-histórico (Collins, 2020).

Neste trabalho, a tentativa de sublinhar a circulação e o movimento dos discursos é observar a co-construção dos sentidos em práticas sociais. Partindo do entendimento de que não há um significado único e estável, mas, práticas de significação nas quais o significado emerge, reconheço a inexistência de uma linha direta entre signo e significado. Assim, considerar a indexicalidade é entender o significado como um efeito. Logo, lanço-me a alguns questionamentos: para onde o

Texto 1 aponta, visto que sentidos são formados por ideologias atravessadas por memória?

A cada nova entextualização, há a possibilidade de construção de novos significados, que contribuem para a construção e reconstrução contínua desses modelos, o que imprime dinamicismo, movimento contínuo de textos. Sendo assim, é importante observar os efeitos performativos, os discursos que eles fazem circular e trajetórias que seguem, reentextualizando-se na conversa que constitui o Texto 2. Busco aqui também rastrear trajetórias textuais (Blommaert, 2005) a fim de observar como articulam abordagens escalares na produção de sentidos.

A série Chaves, ao dramatizar situações comuns das pessoas da periferia do México, apresenta um cotidiano até então pouco explorado em ambiente televisivo, mesmo em países em que a maioria dos telespectadores estão localizados nas classes sociais mais baixas, de forma a retratar um cotidiano possível e que rompe com a forma homogeneizadora como são apresentadas as classes sociais. A singularidade que, apesar das questões econômicas subjacentes aos conflitos e dramas da série, evidenciadas de forma ampliada nos figurinos, no cenário e embates entre os mais favorecidos e os desfavorecidos economicamente, essas diferenças são evidenciadas ou, por outro lado, aparecem diluídas.

Dessa forma, mostra-se a sintonia da produção com o seu tempo histórico, apresentando os problemas de crescimento demográfico e da urbanização rápida, que produziram a exclusão, a pobreza e o desemprego, a submoradia nas favelas e periferias. O que mostra que a série fornece subsídios importantes para a análise da realidade de seu tempo e lugar, tanto do ponto de vista social e econômico quanto do político, já que o humor de conteúdo social é, por si só, profundamente politizado (Meira, 2019).

Considerando isso, a pichação apresenta uma resposta em forma de exaltação de uma produção artística que evidencia conflitos de classe, assim como denuncia uma configuração social de valorização ao universo cultural norte-americano, exibido em Friends, revelando divergências de olhares relacionados a uma suposta supremacia. Evidencia-se, assim, projeções escalares nas distinções, relações e comparações que são feitas, operando em eixos de diferenciação (Gal; Irvine, 2019) que são produzidos.

Como projeção escalar, destaco a esperança como afeto numa performatização do sujeito enunciator que acontece logo na sua escolha pela pichação, o que mostra como vozes silenciadas e diminuídas em determinados contextos aprendem formas de esperar, agindo e reivindicando um lugar de fala.

Compreendendo que práticas identitárias são inseparáveis de práticas de memória, elas envolvem disputas de significado e relações de poder. Assim, as projeções escalares indexam discursos relacionados à dominação histórica e cultural exercida pelo colonialismo/capitalismo. A relação entre essas projeções e a materialização de discursos ético-normativos é apresentada uma vez que processos semióticos engajados em classificar ações e sujeitos informam a existência de padronizações a partir dos quais tais projeções são feitas.

Assim, a fala no Texto 2 da participante Cláudia de que “manifestação discursiva não precisa de depreciar o patrimônio público. Enfim, ensino ao meu filho a se manifestar sempre... existem muitas maneiras para isso! Mas respeito a sua opinião” mostra como sistemas de valoração ideológica informam performances escalares. Como as escalas envolvem pontos de vista e o posicionamento de atores a respeito desses pontos de vista, não existem escalas ideologicamente neutras (Carr; Lampert, 2016, p. 8). Assim, quando as escalas nos parecem mais naturais, isso se dá pois são intensamente institucionalizadas.

As nossas percepções, o que vemos e sentimos, não são construídas através de aparatos biológicos, pois, uma vez que são perpassadas por repertórios de sentidos constituídos em nosso processo de socialização, constituem-se como processos ideológicos. Gal e Irvine (2019) sugerem que “afirmações sobre a linguagem nunca são apenas sobre a linguagem – e elas nunca são apenas declarações” (Gal; Irvine, 2019, p. 1). As ideologias, de acordo com um arcabouço sócio-histórico, fornecem orientações para as nossas ações no mundo e, assim sendo, são visões parciais e posicionadas, justificáveis apenas a partir do lugar ocupado por alguém em determinando momento.

Nessa orientação, são evidenciados gestos de produção de diferenciações-comparações nas nossas projeções escalares. Estamos sempre fazendo distinções, criando comparações sobre coisas no mundo, estabelecendo relações, operando em eixos de diferenciação que são produzidos, e não dados. Uma ideologia, então, é algo contestável (Gal; Irvine, 2019, p. 13).

Processos escalares são processos de contextualização, no entanto, eles forjam os contextos, ou seja, não há um contexto que é perspectivado na interação, eles são forjados escalarmente. Assim, os contextos estão propensos a incessantes remodelações e contextualizações contínuas, isto é, o seu arranjo é sempre temporário (Fabrício; Moita Lopes, 2019, p. 42).

Embora as escalas não sejam ontológicas, pois não são naturais, podem ser muitas vezes vistas como tal, uma vez que relações interescares podem ser estabilizadas e naturalizadas a ponto de não as notarmos mais como relações (Carr; Lempert, 2016, p. 14). Assim, ainda que escalas sejam criadas de forma situacional, podem se tornar generalizadas, projetos escalares que institucionalizam e produzem efeitos corporificados na vida social. Então percebemos como esses projetos sempre ideológicos, endossados em um conjunto de crenças, projetam universalidade e agem no mundo social produzindo percepções de realidade. As normatividades que emergem em determinados lugares e momentos são forjadas na prática discursiva a partir de classificações e hierarquias escaladas.

Dessa forma, destaco que os estereótipos são práticas escalares altamente predatórias, dado seu teor de generalização (Carr; Lempert, 2016, p. 16). Sendo assim necessário que questionemos noções convencionais de sentido, de estabilidade e reiteração de padrões sociais. Quando Cláudia diz “ensino ao meu filho a se manifestar sempre... existem muitas maneiras para isso!”, evidencia que acredita na existência de formas válidas para a manifestação de uma opinião, enquanto outras, como a pichação, constituem-se tão somente de uma depreciação de patrimônio público. Assim, demonstra que quaisquer sentidos no texto da pichação passam antes pelo seu critério de desvalidação, num processo escalar que envolve formas de dimensionar o seu entorno e revela uma prática de memória inseparável à prática identitária que é destacada em “ensino ao meu filho”. Aqui, emerge a identidade de uma mãe formada pela prática performativa de memórias daquilo que seria uma “boa mãe”. A afirmativa de que ela ensina ao filho formas de manifestação que não compreendem a pichação, projetando uma escala hierárquica que indexicaliza seu juízo de valor e mostra como em uma interação local e situada estão imbricados significados produzidos em nível macrossocial. Sendo assim, a fricção do nível micro e

nível macro que estabelecem o processo de construção do significado, ou seja, vemos como processos de padronização e normatividade são reanimados em interações locais.

Todavia, a memória pode aprisionar a fluência do presente (Ferraz, 2010), o que, em nosso caso de análise, furta à Cláudia a possibilidade de percepção de significados mais amplos acerca da pichação, como fez Laura com o questionamento “será que está falando apenas sobre séries de TV? Me parece mais uma crítica cultural...”. Por sua vez, Carla refuta ainda o conceito de “depreciação” quando diz: “não concordo que seja depreciação. : Acho que foi uma manifestação artística, sou super a favor. Até porque o muro ficou um charmel!”. A construção escalar da Carla projeta uma postura crítica em relação à caracterização da pichação como depreciação o que mostra como os signos podem mobilizar significados, sendo a produção de sentido a projeção de uma perspectiva.

Adiante em sua fala, Carla faz a afirmação que encerra o assunto e silencia os demais participantes da conversa: “As vozes da rua não podem se calar : ainda mais nestes tempos”. Neste momento, observamos a projeção de um grupo social definido como “as vozes da rua” que indexicaliza uma posição na sociedade e projeta uma prática de esperança ao não se calar. Silva e Lee (2020) afirmam que a esperança em sociolinguística pode apontar para outras formas inventivas de sobreviver às atuais condições de precarização, violência e desigualdade. Sendo assim, em “as vozes da rua”, a locução adjetiva caracteriza e define um embate social apontando para a existência de outras vozes que não são da rua, configurando a disputa pelo dizível (Kiffer; Giorgi, 2019) na qual os da rua se posicionam frente às desigualdades impostas.

Além disso, o encerramento da fala de Carla “ainda mais nestes tempos” apresenta uma construção escalar que reconhece as camadas de historicidade que a sustenta, e indexicaliza o momento histórico do governo político conservador vigente no Brasil, sugerindo, então, atitude de resistência em uma prática de esperança para o futuro. Dessa forma, observamos como o discurso é ultrapassado pela história e, assim, um amplo repertório cultural vai sendo construído e é transportado para outras atividades, influenciando ações.

Contudo, os recursos linguísticos e não linguísticos reunidos na realização dos processos escalares e da entextualização – processos semióticos, sempre em movimento, construindo contextos – podem também permitir transformações. Toda essa perspectiva nos coloca numa posição ética de coprodutores de circunstâncias e corresponsáveis por nossas ações e pelos contextos que ajudamos ativamente a forjar.

Pensar que não há alternativas perante o senso comum, que gira em torno de normatividades hierarquizantes e excludentes, é render-se ao conformismo, ao invés disso, podemos pensar em escalar o mundo por bases menos fixas, ou desessencializadoras. Daí a importância de contarmos histórias fora da fixidez, como quando começamos a fazer circular textos fora dos esquemas normativos, problematizamos a normatividade, já que o sentido está na circulação, não na produção e nem na recepção, e a circulação está numa perspectiva escalar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posicionamentos seletivos, discursos sobre preferências do que/quem se gosta ou não gosta, isto é, o desejo e a aversão, são vistos muitas vezes como uma questão individual, e não social, justificadas como opiniões naturais e inatas ao sujeito. Entretanto, nossos afetos são definidos através de repertórios sociais, a partir daquilo o que somos expostos e temos contato sócio-historicamente, isto é, o afeto é produzido pelos efeitos dos discursos nos quais fomos subjetivados.

A partir disso, tomo a esperança conforme a definiu Bloch (1996) como um afeto e um princípio de explicação, capaz de tornar as pessoas mais amplas em vez de confiná-las, numa prática coletiva, e não individualizada; e o pensar como uma forma de agir, já que pensar significa se aventurar além (Bloch, 1996, p. 5). Assim como evoco a perspectiva de Avramopoulou (2017) de que a esperança é um afeto performativo de papel crucial em fornecer maneiras de abordar realidades complexas de sujeitos expostos e definidos pela experiência de violência (Idem, p. 278). Assim, a esperança é uma prática semiótica que depende dos repertórios de signos aos quais estamos expostos e temos, ou não, acesso. Dessa forma, pode se manifestar em estratégias

empreendidas no terreno da linguagem para reparar o passado e, com base nisso, avançar para futuros mais equitativos e mais pacíficos (Silva; Lee, 2020, p. 4).

Assim como o não se calar perante hierarquizações e movimentos hegemônicos de silenciamento é significado dentro do discurso entextualizado na pichação, a sua re-entextualização, na conversa pelo WhatsApp, mostra que práticas de esperança foram registradas em diferentes momentos de comunicação, num exercício de questionamento à naturalização de conceitos construídos em projeções escalares que podem, em grande medida, apresentar reiterações de estereótipos culturais há muito repetidos.

Nesta análise, aquilo que foi considerado uma forma de depreciação para Cláudia atingiu significado diverso na opinião de outros falantes, o que mostra que não há um sentido universal. Ao replicarmos afirmativas sobre verdades, estamos em processos escalares de uma realidade que é totalmente fabricada e dinâmica, em um trabalho semiótico que coloca a memória como prática performativa numa concepção do mundo e de nós mesmos. No entanto, conforme Moita Lopes (2006), “é tempo de reinventar a vida social” (p. 104), portanto, ao estabelecermos lugares mais amplos de visão, caminhamos além, esperando futuros libertadores de construções limitantes.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J.L. **How to do thing with words**. Oxford: Oxford University Press, 1976.

AVRAMOPOULOU, Eirini. **Hope as a performative affect**: feminist struggles against death and violence. Subjectivity, 2017.

BLOCH, Ernst. **The principle of hope** vol.1. Cambridge: MIT Press, 1959/1996.

BLOMMAERT, J. **Discourse**: key topics in Sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BLOMMAERT, J. **Ethnography, Superdiversity and Linguistic Landscapes: Chronicles of Complexity**. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2013.

BLOMMAERT, J. **Ideologias Linguísticas e poder**. In: SILVA, D; FERREIRA, D; ALENCAR, C (orgs.). Nova pragmática: modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Congresso Nacional. **Lei federal nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Lei de Crimes Ambientais**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9605.htm>. Acesso em 30 de agosto de 2021.

BUTLER, J. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CARR, E. Summerson; LEMPERT, Michael (Orgs.) **Scale**. Discourse and dimensions of social life. Oakland: University of California Press, 2016.

COLLINS, Jim. **Indexicalidades de línguas em contato em tempos de globalização: diálogos com o legado de John Gumperz**. In Fabrício, Branca F. Sociolinguística interacional. Perspectivas inspiradoras e dedobramentos contemporâneos. Rio de Janeiro: Morula Editorial, [2011] 2020.

FABRÍCIO, Branca Falabella; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Creating queer moments at a Brazilian school by forging innovative sociolinguistic scalar perspectives in classrooms. In Sauntson, Helen and Kjaran, Jon (Orgs.) **Queer transformative spaces: global narratives on gender and sexualities in schools**. New York: Routledge, 2019.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Homo deletabilis: corpo, percepção, esquecimento do Século XIX ao XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

GAL, Susan; IRVINE, Judith T. **Signs of difference**. Language and ideology in social life. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

KIFFER, Ana; GIORGI, Gabriel . **Ódios políticos e a política do ódio**. Lutas, gestos e escritas do presente. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019

MEIRA, J. C. (2019). **O seriado Chaves e a questão urbana**: exclusão, periferização e conflito de classes: OPSIS, 19(2), 1–11. <https://doi.org/10.5216/o.v19i2.57936>

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 85-107.

PENNYCOOK, A. Linguistic Landscapes and the Transgressive Semiotics of Graffiti. In: SHOHAMY, E. & GORTER, D. **Linguistic Landscape**: expanding the scenery. Londres e Nova York: Routledge, 2009. p. 238-252.

PENNYCOOK, A. **Language as a local practice**. Londres e Nova York: Routledge, 2010.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite, pichação & Cia**. São Paulo: Annablume, 1994. SHOHAMY, E.; GORTER, D. (Org.). **Linguistic Landscape**: expanding the scenery. New York, USA: Routledge, 2009.

SILVA, Daniel Nascimento; LEE, Jerry Wong. **“Marielle, presente”**: Metaleptic temporality and the enregisterment of hope in Rio de Janeiro. *Journal of Sociolinguistics* 1–19, 2020.

SILVERSTEIN, Michael & URBAN, Gregg. The natural history of discourse. In Silverstein, M.; Urban, G (eds.) **Natural Histories of Discourse**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. In: **Language & Communication**. 23, p. 193–229, 2003.

SILVERSTEIN, Michael. Pragmatic indexing. In: Jacob Mey. **Concise Encyclopedia of Pragmatics**. London: Elsevier, 2009

SOARES, Thiago Nunes. **Gritam os muros**: pichações e ditadura civil-militar no Brasil. Curitiba: Appris, 2018.

Cristina Lúcia de OLIVEIRA

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestra em Letras pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Especialista em Ensino de Produção Textual pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua como docente no estado do Rio de Janeiro e consultora pedagógica nos processos de correções de redação em vestibulares, além de atuar como membro do Núcleo de Estudos em Discursos e Sociedade (NUDES) do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, UFRJ. Atualmente interessada em estudos sócio-pragmáticos do discurso e etnografia.

Recebido em 12. julho.2025

Aceito em 16. agosto.2025